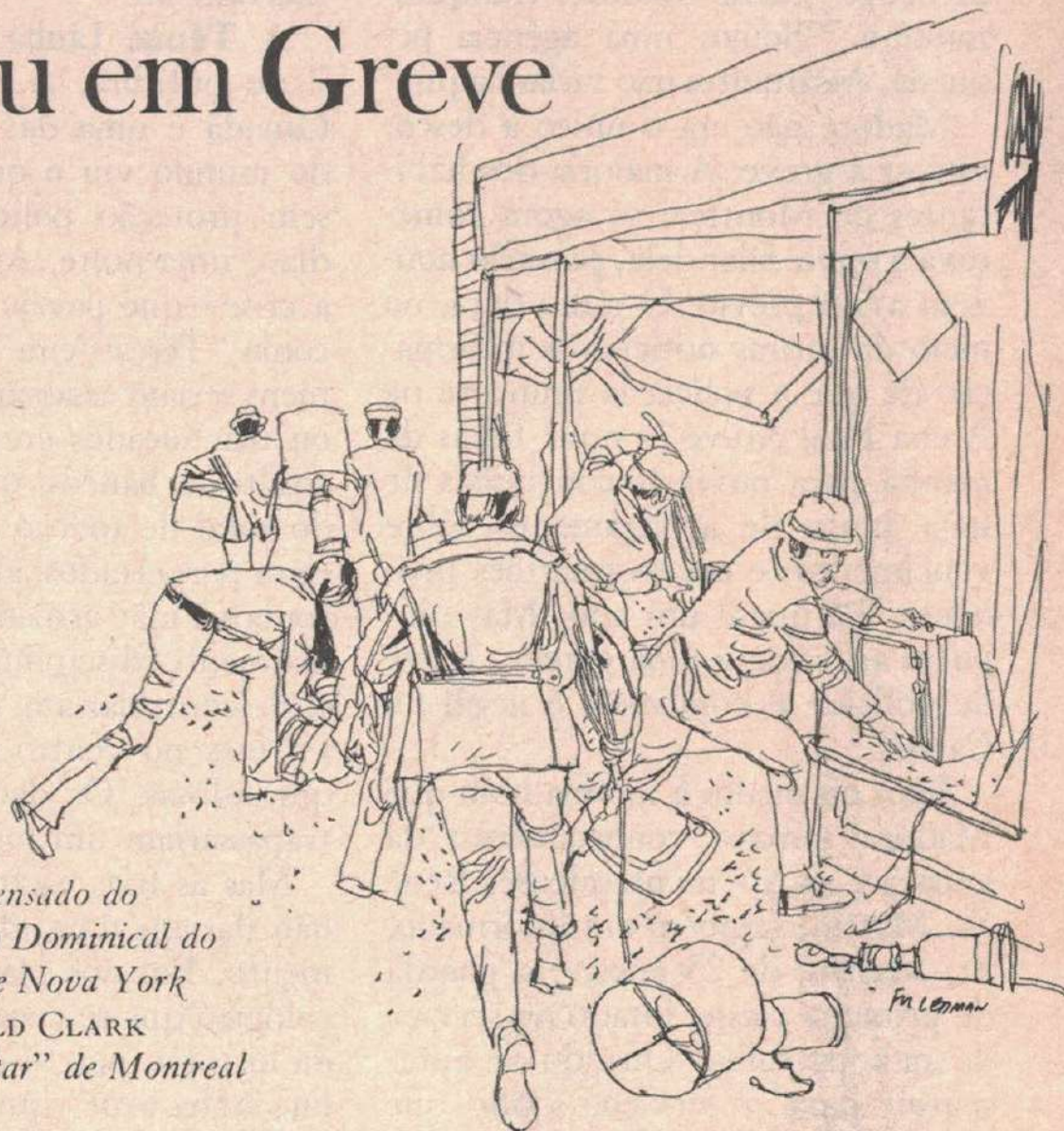


# O Dia que a Polícia de Montreal Entrou em Greve



*Condensado do  
Suplemento Dominical do  
TIMES de Nova York  
GERALD CLARK  
Editor do "Star" de Montreal*

A recente crise dessa cidade canadense ensina uma grave lição: suspendendo a proteção policial, apaga-se a linha tênue que separa a civilização do caos e da anarquia

**N**O DIA QUE Montreal ficou uma cidade sem polícia, o gerente de banco Gilles Madore, sem desconfiar de nada, saiu de casa para o trabalho às 9h 30min, como de costume. Era um lindo dia

de outubro—claro e fresco—e durante os 15 minutos do percurso de carro Madore notou que as árvores estavam no auge de suas tonalidades douradas e vermelhas. Êle não sabia que a polícia abandonara o serviço,



até que chegou ao banco e foi recebido por um caixa nervoso, que lhe deu a notícia de que a cidade estava escancarada aos criminosos. "Não se preocupe", disse Madore, tranquilizando-o. "Somos uma agência pequena. Assaltantes não viriam aqui."

Madore não era o único a desconhecer a greve. A maioria dos habitantes de Montreal só agora começava a ouvir falar dela, pois não houvera aviso prévio. O rádio dera, no meio de outras notícias, a informação de que a polícia ia reunir-se na Arena Paul Sauvé às nove horas da manhã para ouvir as conclusões de uma junta de arbitramento sobre vencimentos e outras questões pendentes há quase um ano. Mas ninguém antecipara uma greve; greve de policiais e bombeiros é ilegal no Canadá.

Mais ou menos à mesma hora que Madore tomava conhecimento da situação, outro montrealense, René St. Martin, também era informado. St. Martin, de 25 anos, era guarda de primeira classe, lotado no serviço de radiopatrulha. Quando se apresentou para o serviço, soube que elementos da Fraternidade dos Policiais de Montreal tinham visitado 25 distritos por volta das 7h 30min, instando com os homens para abandonar seus postos imediatamente e dirigirem-se para a reunião na arena. Surprêso e abalado ao ver que uma greve estava em marcha, St. Martin percorreu em seu carro os 15 quilômetros até à arena. A essa altura, dúzias de carros azul e bran-

co da radiopatrulha formavam fila dupla e tripla ao lado de dúzias de motocicletas. Quase todos os 3.784 homens da força policial de Montreal estavam ali.

**A Tênuê Linha Azul.** Assim, a 7 de outubro, a maior cidade do Canadá e uma das mais civilizadas do mundo viu o que significa ficar sem proteção policial durante um dia e uma noite. Antes de terminar a crise—que passou a ser conhecida como "Têrça-Feira Negra"—dois homens seriam assassinados e 48 feridos ou machucados em distúrbios. Sete assaltos a bancos, quase um décimo do total de todo o ano de 1969, seriam perpetrados, além de 17 outros roubos à mão armada. Cidadãos normalmente disciplinados e pacíficos se descontrolariam, quebrando 1.000 vitrinas no centro da cidade e saqueando-as. Os danos e perdas ultrapassariam um milhão de dólares.

Mas as frias estatísticas por si sós não dariam uma idéia do acontecimento. Foi nos planos social e psicológico que se concentrou o horror da história, pois aí é que está a "tênuê linha azul" que separa a civilização do caos e da anarquia.

Para a maior parte das pessoas, o dia pròpriamente dito foi razoavelmente calmo. Além dos congestionamentos de tráfego, o público experimentou poucos incômodos. Não se podia sequer afirmar que a cidade tivesse ficado inteiramente despolicada. No quartel-general, 47 guardas—todos não sindicalizados—permaneceram de plantão, retransmi-



tindo os chamados de socorro à Fôrça Policial de Quebec (Q.P.F.), que acabou enviando uns 150 de seus carros-patrolhas para as ruas de Montreal.

Em breve, porém, ficou evidente que a polícia provincial não poderia acompanhar o ritmo de alarmas que a polícia municipal recebe normalmente. Em sua agência, Gilles Madore começou a ficar apreensivo quando clientes paravam para dar notícia de assaltos em outros lugares.

**O Dilema.** Na reunião da polícia, René St. Martin, escutando os discursos dos líderes sindicais, viu-se diante de um dilema. Apesar de apoiar o sindicato, achava que serviços essenciais não deviam entrar em greve. St. Martin gosta de ser policial, e não acha que a população de Montreal seja particularmente hostil ou ingrata com a corporação; pelo contrário, há admiração pela maneira como a polícia de Montreal nos últimos anos tornou-se uma fôrça notavelmente eficiente e correta: recrutas jovens e de aparência saudável, eficientes, com o melhor treinamento no país e, até ao momento da greve, com elevado nível disciplinar.

Durante dois anos, contudo, o sindicato sentira-se ignorado por uma administração que não aceitava o argumento de que os guardas de Montreal tinham direito pelo menos aos mesmos vencimentos que a polícia de Toronto, a segunda cidade em população do Canadá. Agora os ho-

mens iam ficar ali—não “em greve,” mas em uma “sessão de estudo”—até obterem o que pretendiam.

Quando St. Martin telefonou para casa, viu que a esposa Andrée estava desanimada. Não era fácil arrumar-se com vencimentos líquidos de 105 dólares e 42 centavos, e Andrée sabia que os homens mereciam melhor tratamento. Mas, conforme ela recordou posteriormente, “sou mãe, e pensei em algumas outras mulheres cujo filho poderia estar deitado esvaindo-se em sangue na rua, ou podia estar perdido...”

Lá fora, nas ruas sem policiamento, o crime se avolumava. Algumas agências bancárias mais afastadas estavam fechando as portas como defesa, à medida que aumentava a frequência dos assaltos. Às 13h 45min da tarde Gilles recebeu um telefonema da matriz dizendo-lhe para só deixar entrar clientes conhecidos. Madore pessoalmente deu duas voltas à chave na porta de vidro. Cinco minutos depois, quando se preparava para ir almoçar, viu da janela de seu gabinete três homens encapuzados—um com uma espingarda—correndo para o banco.

“**Não te Mexas**”. Madore instintivamente apertou o alarma silencioso. O homem que estava com a espingarda arrombou a porta com a coronha. O vidro caiu e êles entraram. O homem da espingarda disse a Madore: “*Bouge pas, toi, ou je vais te descendre.*” (“Não te mexas—ou te derrubo.”) Madore diz: “Não me mexi.”



Os outros homens, empunhando revólveres, raspam 2.000 dólares das gavetas dos caixas. Em circunstâncias normais os bandidos teriam fugido imediatamente, pois quando um alarma é acionado a polícia nunca está a mais de um minuto e meio de distância. Mas agora o homem da espingarda mandou o caixa abrir a caixa-forte, e os bandidos apanharam mais 26.000 dólares—a maior arrecadação do dia. O assalto levou de quatro a cinco minutos. A polícia provincial chegou 15 minutos depois.

À tardinha Lucien Saulnier, presidente da comissão executiva da cidade (o administrador da cidade), fez um apêlo pelo rádio, televisão e jornais ao povo para “ficar calmo e vigilante”, manter-se em casa e proteger seus bens. E a população a princípio manteve-se afastada do centro comercial. O tráfego era escasso e rápido. Mas ao redor da Prefeitura, na parte velha, diversos táxis começaram a buzinar antes de formarem uma procissão. Nessa altura, aproximadamente às 7h 30min da noite, começou a armar-se uma noite de devastação total.

**Uma Noite Memorável.** Outros táxis dirigiram-se para o centro para aderir ao curso, e quando chegaram ao destino, que era a garagem da Murray Hill Limousine Service Limited, já eram 75 veículos—levando não apenas motoristas de praça, mas extremistas políticos também. Fôra formada uma aliança entre o Mouvement de Libération du Taxi, que não poderia contar com mais de 200

sócios entre os 24.000 motoristas de táxi de Montreal, e o Front de Libération Populaire, grupo de maoístas e estudantes radicais que acusavam “a administração fascista (de Montreal) de ter vendido os interesses dos motoristas de táxi aos capitalistas. Aliás, fôra uma concessão federal que dera à Murray Hill a exclusividade de receber passageiros no aeroporto de Montreal, em troca de garantia de serviço. Para separatistas e terroristas, sem polícia para contê-los, essa era uma noite para atacar o objetivo mais amplo de retirar Quebec da “dominação inglesa”.

Por volta das 19h 45min um plantão do serviço de rádio da Q.P.F. enviou 20 homens para a Murray Hill. Às 20h 45min foram mandados mais 50 homens com urgência. A essa altura os demonstradores cantavam “*Québec aux Québécois*”, e lançavam pedras e coquetéis Molotov. Os alvos das bombas incendiárias eram quatro ônibus da Murray Hill que estavam no estacionamento e que se incendiaram rapidamente. Os demonstradores empurraram um ônibus em chamas por uma rampa abaixo para chocar-se contra as portas trancadas da garagem. Repelidos pelos amotinados, os bombeiros viram-se obrigados a ligar as mangueiras longe. Um guarda no telhado do prédio de dois pavimentos abriu fogo contra a turba com uma espingarda calibre 12, e o fogo foi respondido do telhado de um cortiço do outro lado da rua.



Era a primeira vez que Montreal era atingida por uma guerra de rua dêsse gênero, e quando ela terminou o detetive provincial Robert Dumas, de 35 anos, estava mortalmente ferido. (O outro caso fatal dêsse dia foi um ladrão alvejado pelo proprietário de uma casa.) Por volta das 22h 30min a multidão começou a subir o morro.

**Carnaval de Destruição.** O objetivo seguinte era o Hotel Rainha Elizabeth, escolhido porque a Murray Hill tinha uma concessão ali; assim, êle merecia ter a iachada destruída. Dali era só um passo ao Hotel Sheraton-Mount Royal. No caminho, porém, os demonstradores pararam no Hotel Windsor, onde fica o elegante restaurante nôvo do Prefeito Jean Drapeau—Le Vaisseau d'Or. As cortinas foram arrancadas, os cristais partidos e ateadas pequenas fogueiras. As ruas do centro da cidade começavam a encher-se de vândalos e saqueadores.

Durante duas horas ininterruptas e caóticas êles agiram, quase sem serem molestados pela insuficiente e aturdida Q.P.F. Por tôda a Rua Ste. Catherine, numa extensão de 21 quarteirões, o estilhaçar de vitrinas mal foi ouvido por causa do rugido da turba e do incessante retinir de campainhas de alarma. Ao todo, 156 lojas tiveram suas vitrinas quebradas, sendo carregado tudo o que nelas se encontrava—estéreos, rádios, casacos de pele, vestidos, uma variedade enorme de artigos.

Naquela noite a rua estêve entre-

gue aos marginais e talvez a alguns pobres; mas também houve gente da chamada respeitável classe média. Um homem bem trajado, com um casaco de pele em cada braço, correu pela Rua Ste. Catherine abaixo gritando: "Um para minha mulher e outro para minha amiguinha!" Um senhor de meia-idade, vendo um rapaz estender o braço para apanhar um casaco de pele, tentou dissuadi-lo —e foi agredido por dois outros saqueadores por se estar intrometendo.

Contudo, de certa maneira, o ambiente era carnavalesco, um festivo ar pré-natalino em tôda a rua. Nada havia de furtivo no roubo. Muitos dos que desciam a Rua Ste. Catherine, atraídos pelo noticiário do rádio e da televisão, contentavam-se em ficar espiando; mas alguns, ao verem as vitrinas arreventadas, serviam-se do que havia nelas. Sem nenhuma polícia por ali para incomodar, sumiu a sensação de mêdo.

Na Arena Paul Sauvé, René St. Martin ouviu o presidente da Fraternidade, Guy Marcil, anunciar que a Assembléia Legislativa de Quebec dera ordem para os grevistas voltarem ao trabalho até um minuto depois da meia-noite, pois do contrário sofreriam muitas severas e perda do reconhecimento da Associação como organização sindical. St. Martin achou que não foi sòmente a ameaça do govêrno que levou os homens de volta a seus postos. "Foi", disse êle, "a maneira pela qual os amotinados e saqueadores estavam esfrangalhando nossa cidade."



**A Manhã Seguinte.** Aos 50 minutos da madrugada, chamados da polícia metropolitana de Montreal voltaram ao ar. A provação de 17 horas acabara, e o povo aplaudiu os primeiros carros-patrolhas azul e branco que chegaram à esquina das ruas Peel e Ste. Catherine. Os policiais começaram a caçar os saqueadores remanescentes e, com a Q.P.F., fizeram 104 prisões.\*

Muitos ângulos foram deixados para exame posterior. Por exemplo, foram comunicados 196 roubos em 24 horas, em comparação com o número normal de 335 para uma semana inteira. O programa lógico de ataque baseado em horários conhecidos dos estabelecimentos comerciais fêz pensar que fôsse atividade de profissionais, e não de amadores. Mas foi o comportamento das pessoas comuns naquela noite que deixou todos mais perplexos e angustiados. Homens e mulheres de tãda a espécie e qualidade acorreram à zona

\* Dezesseis dias após os policiais terem retornado ao serviço, conseguiu-se negociar um contrato. A cidade elevou o salário anual de um guarda de primeira classe para 8.750 dólares — o que, acrescido de vantagens extras, estabeleceu paridade com Toronto.

da Rua Ste. Catherine porque era ali que tinha lugar a ação, inicialmente desencadeada por extremistas organizados. E ali êles perderam suas inibições.

Foi só retrospectivamente que os montrealenses sentiram o quanto a triste experiência se aproximara de uma tragédia brutal. Durante o motim e o saque, muitas pessoas, vendo televisão em suas casas nos bairros residenciais, pensaram que aquilo devia estar ocorrendo em uma cidade de um país estrangeiro. O despertar na manhã seguinte foi acabrunhante quando fizeram o percurso para os escritórios no centro da cidade e viram os destroços e os danos causados. Mas a parte pior foi saber que os terroristas tinham escolhido relativamente poucos alvos, e que de um modo geral a turba que mais tarde surgiu era formada mais de bons elementos do que de maus. Não foram arremessadas bombas explosivas, ninguém pregou uma cruzada de vingança pessoal ou uma guerra racial ou religiosa. Mas, se houver uma próxima vez com mais alvos e objetivos, a tênue linha azul pode mostrar-se tênue de verdade.



### *Verdade Evangélica*

**O** SERMÃO de domingo do nosso ministro versou sôbre as relações entre a realidade e a fé. Disse êle: “Vocês estarem sentados diante de mim nesta igreja é uma realidade. Eu estar aqui falando a vocês dêste púlpito é uma realidade. Mas sòmente a fé me faz crer que alguém está escutando.”

—S. A. B.





# VOCÊ É SÓ DONA-DE-CASA OU É DONA-DE-BRASTEMP?

Quando êle não consegue resistir de longe a um cheirinho tão apetitoso... e pé por pé vem surpreender que novidade é hoje... e o riso de ambos se ilumina do prazer de viver bem... então podemos jurar que Brastemp está em cena! Fogão Brastemp - o mais funcional, o de côres mais modernas e linhas mais avançadas - dá ao dia-a-dia o orgulho de possuí-lo, de receber até as visitas na cozinha.

VÁ AO REVENDEDOR  
BRASTEMP

E LEIA  
ISTO

